

A VIRGEM DO PILAR

Em homenagem ao Roberto Lis,

(Características musical fortes)

SPEAKER: - ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM... (Sôbe a característica)

A VIRGEM DO PILAR... (Sôbe novamente a característica)

Um programa que Roberto Lis escreveu para o Grande Teatro Difusora que é uma oferta gentia da PANTACO S.A. industria e comercio aos seus amigos e clientes.

(ENTRA AQUI A PROPAGANDA DA PANTACO S.A.)

(Sôbe a característica por alguns instantes)

A VIRGEM DO PILAR tem a seguinte distribuição.

Matália.....	Mia Bazareth
Archanjo.....	Vitor Moré
D. Rufrosina.....	Mina Rosa
Márcio.....	Olavo Engel
Tia Balbina.....	Janara Dias
Vitorino.....	Roberto Lis
Paulina.....	Lidia Maria
Ariste.....	Conceição Pereira
Patrônio.....	Mario Moraes
Gloria.....	Lidia Ilzuk

(Sôbe a característica por alguns momentos)

Encarregado do estúdio..... Emilio Belo

Sonofonia de..... Elio Machado

(Sôbe a característica mais alguns vezaxi instantes, baixando, depois, aos poucos, até desaparecer.)



- Eufrosina - Dentro de trez dias embarcarei com as meninas - é o que ela me diz nesta carta datada de 17, logo... (Pausa) deve chegar amanhã. (chamada) Archanjo, oh Archanjo! Deixe o carro para desatrejar depois e venha cá que eu preciso falar com você. (Para si mesma) Eu já previa isto ha muito tempo!... Só o que me admira é que não tenha acontecido antes!... enfim, dos males o menor. Graças a Deus que ela teve, finalmente, a coragem de tomar uma atitude compatível com a dignidade da nossa familia. (Passos que se aproximam)
- Archanjo - (de longe) A senhora chamô, dona Frosina?
- Eufrosina - Chamei. Pôde chegar. (Mais passos que se aproximam) Você sabe que novas me dá a carta que você me trouxe hoje do Correio?
- Archanjo - Num senhora, dona Frosina, num sei.
- Eufrosina - Minha filha e minhas netas devem chegar amanhã, provavelmente pelo trem da tarde.
- Archanjo - Num me diga, dona Frosina. A senhora deve de tá muito satisfeita.
- Eufrosina - Mais ou menos. Satisfeita por tornar a vê-las e matar as saudades mas preocupada pelos motivos que originaram essa vinda imprevista, enfim, são coisas que acontecem e eu não quero falar nisto. Tome nota das ordens que lhe vou transmitir.
- Archanjo - Tô às suas ólde, dona Frosina, pôde fala.
- Eufrosina - Presumo que elas cheguem pelo trem da tarde mas pelas dúvidas você levará o carro à estação no trem da manhã também.
- Archanjo - Prefeitamente, dona Frosina. De qualquer jeito eu tenho de ir procurar o Correio é só sai mais cedo um mucado.
- Eufrosina - Trate um carregador para ajudá-lo no transporte da bagagem e diga-lhes que eu não fui à estação por causa das minhas enxaquecas.
- Archanjo - Pôde ficá descansada que o véio aqui toma conta de tudo.
- Eufrosina - E se por acaso elas não chegarem de manhã já sabe que à tarde tem que voltar à Estação.
- Archanjo - Prefeitamente, dona Frosina.
- Eufrosina - E agora pôde voltar aos seus afazeres mas de passagem pela cozinha diga à tia Balbina que venha falar comigo que eu necessito dar-lhe, também, algumas instruções.
- Archanjo - Com a sua permissão, entonce, o véio se arretira, dona Frosina. (Passos que se afastam)
- Eufrosina - É uma bobagem pensar-se que depois que os filhos crescem deixam de dar-nos trabalho e preocupação. Eles os dão em qualquer época. Um pouquinho mais, um pouco menos mas a verdade é que nunca podemos estar inteiramente descansadas. Ainda o que me vale é o meu ânimo forte que não se deixa abater assim por qualquer precalço. Eu tenho culpa, em grande parte. Sempre fui tão enérgica e justamente no momento em que deveria ter sido mais, cometi a tolice de ceder aos rógos de Natalia. Se tivesse feito valer a minha autoridade não estaria agora a braços com um problema talvez insolúvel. (Passos que se aproximam) A gente faz tolices em todas as idades!
- Balbina - (afastada) A nêga véia pôde intrá, sinhá Frosina?
- Eufrosina - Sim, Balbina, pôde chegar. Preciso falar com você.
- Balbina - (afastada) Com a licença de sinhá, entonce. (Mais passos se aprox.)
- Eufrosina - Natalia chega amanhã com as meninas.



Balbina - Que bão, sinhá! A nêga vêia tá cuntenta ca notícia.

Fufrosina - Depois do almoço você e Percília vão arrumar o antigo quarto de Natália e também o quarto de hóspedes para as meninas. Mande Percília abrir as janelas desde já afim de que o sol afaste o cheiro de mofô que devem ter. Há tanto tempo fechados...

Balbina - Tá munto bem, sinhá Frosina. A nêga vêia vai compri as ólde de sinhá cum munta sastifação.

Fufrosina - Quero tudo em perfeita ordem logo de noite. E agora pôde voltar ao seu trabalho.

Balbina - Tá munto bem, sinhá Frosina. Com a sua licencia, antonce.  
(Passos lentos que se afastam)

(CORTINA MUSICAL)

Balbina - Elas num veio, não, Alcanjo?

Archanjo - Pulo trem da minhã num chegar. Mas dona Frosina deis de um principio tava discunfiando que elas ia vim pulo da talde.

Balbina - Ih eu tô tão afrita pra vê as minina otra veiz! Acho que sinhá Frosina deve de tá sastifeita.

Archanjo - Num me parece, não, nêga.

Balbina - Ariessa, Alcanjo, dexa de dizê bobage! Puis antão nhã Frosina num deve de tá cuntenta de arrecebê a visita da fia e das neta?

Archanjo - Num sei, mas num tô me parecendo o que é que mecê quê? Su tô em dizê, intê, que deis que chegô a calta que ela tá munto piropupada.

Balbina - Num diz bobage, nêgo.

Archanjo - Num é bobage, não, ariessa! Antonce trabaiando toda a vida pra nhã Frosina eu num navera de cunhecê a cuja? Óia, Barbina: queno nhã Frosina fala ca gente alivantando as sobranceia e fazendo aquelas ruga no meio dos óio é siná de que a coisa num tá de brinquedo. - quando ela arrecebeu a calta e me chama-me ela tava anssim.

Balbina - É memo, Alcanjo?

Archanjo - Puis tô dizeno pra mecê. Aquela calta num caiu munto no gosto de sinhá Frosina, num pensa não. Dispois a gente já sabe que ela e o genro nunca se quadra munto bem. Sempre houve quarqué deferença entre os dois.

Balbina - Tá bão, isso é.

Archanjo - E essa deferença - pulo que falum aí por fóra - é pulque ele nunca foi bão marido pra sinhasinha Nataia.

Balbina - Tá bão, isso tombem parece que é.

Archanjo - E agora num era tempo da sinhasinha Nataia vim. Só nas fêria de mais piquinitôta é que ela acostunava vim passá uns tempo ca mãe. Isso tudo a gente tem de vê.

Balbina - Será que nove alguma coisa que eles brigaro memo? Será que ela vem pra fiçã ou será que vem só passá uns tempo?

Archanjo - Tá bão isso num se pôde sabê. Dona Frosina num fala essas coisa ca gente. Ocê sabe que ela nunca deu essas confiança pra nóis. É bôa muliê, num se pôde dizê, mas porem a gente tombem tem que arrecunhecê que ela é munto artanera, munto orguiôsa. Firme no pensá. Quando ela quê as coisa quê polque quê e se acabôse. Tombem quando num quê num quê e num diante pidim. Ela num iaia, num diz o que se passôse a gente tem de inapará os lato pra pudê tirá as conorôção. Bamo esperá. Mais algum mais dispois a gente vai sabê dereitinho.

(CORTINA MUSICAL)



- Sufrosina - Você ficará no seu antigo quarto e as meninas ocuparão o quarto de hóspedes. Creio que assim estará bem, não lhe parece?
- Natalia - Como a senhora determinar, mamãe.
- Sufrosina - Arlete cresceu bastante nestes oito meses.
- Arlete - Estou quasi uma moça, não é vóvó?
- Sufrosina - No tamanho, efetivamente. Resta saber que o juizo tenha acompanhado o desenvolvimento do corpo.
- Natalia - Neste particular ela não fez grandes progressos, não mamãe.
- Sufrosina - Bem, mas neste caso ela não é a maior culpada.
- Natalia - Bem sei, mamãe. Não é de balde que lamento sempre ter herdado a mansuetude de papai em vez da sua energia.
- Sufrosina - Não é desculpa, filha. O que não se tem por temperamento adquire-se pela força da vontade. Crês, acaso que fui sempre assim enérgica e decidida? Enganas-te. Tornei-me assim depois da morte de papai, por não ter quem cuidasse dos seus negocios e eu ser obrigada a fazê-lo. Bem, mas deixemos isto de parte. Essa menina é que emagreceu sensivelmente.
- Paulina - Nem tanto, vóvó. Dois kilos, apenas.
- Sufrosina - Apenas? E você acha pouco? Tem quinze dias para recuperá-los ou entrará num regimen de repouso e superalimentação. Não quero saber de fisionomias tristes nem enfermidades ao redor de mim. Você tambem, Natália terá que recuperar a sua antiga cor e alguns kilos a mais.
- Natalia - Sim, mamãe, estou certa que melhorarei logo. A mudança de ar e um pouco de tranquilidade que lá não tinha, hão de fazer-me bem.
- Arlete - Vóvósinha, e o Alazão, como vai ele?
- Sufrosina - Foi vendido ao visinho Desidério.
- Arlete - Vendeu-o, vóvó? Que pena! Eu gostava tanto dele.
- Sufrosina - Você encheu-o de manhas e tornou-se um cavalo imprestavel.
- Paulina - Vóvó, a senhora me dá licença que vá até o quarto para tirar as roupas da mala e acomodá-las nos guarda roupas?
- Sufrosina - Sim, podes ir e leva contigo Arlete que eu preciso conversar com tua mãe. Vai, Arlete, vai ajudar tua irmã.
- Arlete - Sim, Vóvó. Com licença.
- Paulina - Com licença, Vóvó. (Passos que se afastam)
- Sufrosina - (após uma pausa) Paulina sabe de alguma coisa? Acho-a tão diferente, tão preocupada...
- Natália - Sim, mamãe, ela está perfeitamente a par do que se passa. Não era possível ocultar. Além de que está uma moça, as atitudes de seu pai eram tão pouco discretas que ela não podia deixar de compreender.
- Sufrosina - Tens agora o dever de te mostrares perfeitamente resignada com a tua sorte para que se dissipe em breve essa profunda impressão que lhe domina o espirito.
- Natália - Mas não é somente o meu caso que a deixa assim preocupada, mamãe. Paulina já tem o seu primeiro namorado e naturalmente sofreu tambem com a separação.
- Sufrosina - O que é que tu estás me dizendo? Paulina já tem namorado? Não me havia dito nada ainda em tuas cartas.



Natalia - Sim, de fato não lhe falei nada, primeiro porque era uma coisa ainda muito recente e segundo porque as minhas cartas traziam sempre tantas queixas que não deixavam lugar para outros assuntos.

Eufrosina - De qualquer maneira parece-me que tinhas o dever de me comunicar alguma coisa a respeito.

Natalia - Sim, mamãe, efetivamente, mas... perdôe, mamãe, creia que não foi por mal...

Eufrosina - Bem, bem, deixemos este assunto e vamos ao que interessa. Afinal ainda não me contaste o que houve entre vocês e que motivou o rompimento definitivo, sim, porque eu acredito e espero que a tua ~~xix~~ volta para a minha casa não seja apenas uma comédia para impressionar teu marido.

Natalia - Não, não, mamãe, é o rompimento definitivo, sim, disse muito bem.

Eufrosina - Pois ~~sim~~ bem, vamos então a saber o que se passou. Senta-te e fala.

Natalia - Como a senhora sabe, pelas repetidas vezes que lhe escrevi a respeito, de uns trez anos a esta parte Marcio tornou-se uma creatura difícil de aturar-se pelas impertinências, pelas rixas constantes que provocava em casa e sobretudo pelos maus modos com que nos tratava. Tudo isto, enfim, nós iamós suportando com resignação até que de uns mezes para cá ele começou a recolher-se muito tarde, despertando-me fortes desconfianças. Uma noite...

(ligeira frase musical)

Natalia - Como?! Você vai sair agora, Marcio?

Marcio - Sim, sim, eu... eu esqueci de dizer/ a você que o Patrônio... Você sabe quem é o Patrônio, não sabe? Aquele amigo de quem eu já lhe tenho falado tantas vezes. Pois você acredita que ele está passando muito mal? É verdade. Está malissimo o pobre do Patrônio. Pneumonia dupla. Nem sei se poderá escapar, o pobre. Hoje foi um dia atarefadissimo e eu não pude dispor de cinco minutos para ir vê-lo. Agora não sei porque, tive um presentimento tão forte! Não posso deixar de ir até lá, Natália, não posso.

Natália - Bem, Marcio, mas você se comprometeu com Paulina de acompanhá-la ao baile e ela está justamente se preparando. Será que você não se lembra disto?

Marcio - Bem, Natália, mas você compreende que entre um baile e um amigo que se encontra quasi agonisante seria até deshumano que eu preferisse o primeiro.

Natália - Mas também não me parece humano que você cause uma decepção tão grande à sua filha. Lembre-se que este é o seu primeiro baile para o qual ela vem se preparando com tanto entusiasmo há quasi um mez.

Marcio - Paulina é uma moça de dezoito anos e portanto já pôde compreender os deveres de um amigo de verdade. Admíro-me, até, que você esteja a discutir comigo uma coisa que me parece tão justa. Não posso deixar de ir ver o Patrônio, Natália. Suponhamos que ele morresse esta noite que remorso imenso eu iria sentir depois.

Natália - Você poderá ir vê-lo, Marcio, mas não me parece que haja necessidade de ficar lá toda uma noite. Faça a sua visita e volte para levar a sua filha ao baile.

Marcio - A você acha que eu posso estar num baile a divertir-me quando tenho um amigo às portas da morte? É impossível, Natália, você precisa compreender isto. E demais a mais um amigo como é o Patrônio. Uma creatura a quem eu devo tantos favores, tantas atenções. É pena que você não o tivesse conhecido porque então poderia julgar melhor.

Natália - Bem, Marcio, sinto que é inútil qualquer relutância da minha parte. A teimosia foi sempre o seu maior defeito.



- Marcio - Aqui não se trata de teimosia, Natália. Trata-se de um dever de amizade ao qual eu não posso nem devo fugir.
- Natália - Está bem, não vale a pena discutirmos um assunto sobre o qual temos pontos de vista completamente opostos. Faça o que melhor lhe aprouver.
- Marcio - Vou fazer, apenas, o que a minha consciência me ordena que faça. Até logo. (Passos que se afastam)
- Natália - (quando o ruído dos passos desaparece) Ele mesmo neutraliza todo o esforço que emprego no sentido de que as filhas o respeitem e ostimem. Enfim... que se ha de fazer? Deus é testemunha do que tenho suportado em silêncio. A sua displicência no que diz respeito aos cuidados que nos deve... a sua indiferença pelo carinho com que, inútilmente, tentamos prendê-lo à casa e a nós... o abandono completo a que nos tem relegado ultimamente... (Passos que se aproximam) Ai vem Paulina e eu nem sei como devo dar-lhe a notícia de que não vai mais ao baile!
- Paulina - Mãezinha, veja se acha bem o meu vestido.
- Arlete - Uma beleza, não é mesmo mãe? A maninha fica alta de vestido comprido, repare só.
- Paulina - (Pausa) Diga alguma coisa, mãezinha. Acha que eu estou bem?
- Natália - Muito bem, minha filha. Estás um verdadeiro encanto.
- Arlete - Lúcio vai ficar caidinho por ela, hein mãezinha?
- Natália - Minha filha, são dez e meia e você já devia estar deitada. Lembre-se do colegio amanhã.
- Arlete - Mas eu queria ver a maninha sair para o baile, mãezinha.
- Natália - Não, minha filha, ela não vai sair já e o principal que era o vestido você já viu. Vá deitar-se, vá.
- Arlete - (afastando-se resmungando malcriada) Ah, também, o que é que custava deixar a gente ficar mais um pouquinho pra ver a maninha sair. Não vai ser por ficar mais dez minutos que eu vou me acordar mais tarde amanhã. (Passos que se afastam)
- Paulina - Trouxe as flores para a senhora me colocar na cabeça, mãezinha. Eu tentei botar mas não acertei.
- Natália - Não vale a pena, minha filha, tu não vais mais poder ir ao baile.
- Paulina - Eu não vou mais ao baile, mãezinha?!... Por que?!...
- Natália - Porque seu pai está com um amigo passando muito mal e talvez seja obrigado a passar lá toda a noite.
- Paulina - Óra que pena, mãezinha!... Tão feliz que eu estava de ir, afinal, ao meu primeiro baile!...
- Natália - Pois é, filinha, são dessas coisas que a gente não espera. Eu também tenho pena mas... que se ha de fazer?!...
- (Rápida frase musical)
- Eufrosina - O que deverias ter feito era botar um vestido de festa e levar a tua filha.
- Natália - Espere, mãe. Eu vou adiante. No momento essa ideia não me ocorreu porque eu sabia que se a realizasse teria que me incomodar depois, violentamente com meu marido. Ficamos as duas sentadas na saleta, Paulina muito desanimada e eu a tentar distraí-la quando...
- (Campainha de chamada do telefone)      (Passos à mesma altura sempre)



Paulina - Alô! Quem fala aí?

Márcio - É Paulina? Aqui é seu pai que está falando.

Paulina - Ah, papai? Quer falar com a mamãe?

Márcio - Não é preciso chamá-la. Você avise a ela que eu estou aqui na casa do Petrônio e que talvez seja obrigado a permanecer a noite toda. Explique a ela que ele entrou em agonia e que eu não poderei afastar-me.

Paulina - Está muito bem, papai, eu aviso à Mamãe. Era só o que desejava, papai?

Márcio - Sim, era só isto. Boa noite.

Paulina - Boa noite, papai. (Ruído de desligar o telefone)

Natália - (após uma pausa) Depois de Paulina me ter transmitido o recado, continuávamos ainda sentadas na saleta quando o telefone tilintou novamente.

(Campainha de chamada do telefone)

Natália - Deixe, minha filha, eu atendo. Deve ser seu pai outra vez. (Ruído de levantar o fone do gancho) Alô!

Petrônio - Quem fala aí?

Natália - É da casa de Márcio Castanheda.

Petrônio - Ele não está?

Natália - Não senhor. Foi à casa de um amigo. Quem fala aí?

Petrônio - É Petrónio Beneventi. É a senhora do Márcio que está no aparelho?

Natália - Sim, mas quem é que fala aí? O senhor quer ter a bondade de repetir que eu não ouvi muito bem?

Petrônio - Pois não. É Petrónio Benevente que está falando aqui.

Natália - Petrónio, não foi o que o senhor disse?

Petrônio - Exatamente, minha senhora.

Natália - (outro tom, falando para perto) Viste, minha filha, é o Petrónio que está no telefone. (outro tom) O senhor desejava alguma coisa com Márcio? Se quiser deixar o recado eu poderei transmitir-lhe.

Petrônio - Não, não, obrigado. Se ele não está... Não tem maior importância. Eu posso telefonar amanhã.

Natália - Mas eu também poderei dizer a ele que telefone ao senhor.

Petrônio - Mas não há necessidade, minha senhora. É coisa de somenos importância. Como ele passou hoje à tarde no meu escritório e disse que precisava falar comigo eu agora cheguei em casa e me lembrei de telefonar. Calculei que justamente por ser um pouco mais tarde ele talvez já tivesse chegado.

Natália - De qualquer maneira eu direi a ele que o senhor telefonou.

Petrônio - Está muito bem, minha senhora. Ele que me telefone ou então amanhã passe novamente lá pelo escritório.

Natália - Está muito bem, eu transmitirei o seu recado.

Petrônio - Queira desculpar e boa noite, minha senhora.

Natália - Boa noite, senhor Petrónio. (Ruído de desligar o telefone. Pausa) Minha filha, traga as flores para eu te colocar na cabeça.

Paulina - Como, mamãe!?



Natália - Eu vou me vestir e vou te levar ao baile.

(Rápida frase musical)

Eufrosina - É claro. Fizeste muito bem. Nem tinhas outra coisa a fazer. E a ele não lhe disseste nada depois?

Natália - Quasi ao meio dia ele apareceu para o almoço. Tínhamos saído do baile às cinco horas da manhã e eu estava justamente me levantando quando ele entrou no quarto.

(Rápida frase musical)

Marcio - O que é isto? O que faz este vestido de festa sobre esta cadeira? Por que somente agora comesas a te levantar?

Natália - Deitei-me quasi às seis horas da manhã, fiquei até mais tarde na cama para repousar um pouco mais.

Marcio - Deitaste às seis horas da manhã? Por que? Onde estiveste à noite?

Natália - Depois que me tenhas dito onde estiveste tu a noite toda eu então te darei as minhas explicações.

Marcio - Quando eu sai desta casa tu sabias perfeitamente para onde eu ia e ainda mais tarde eu tive a delicadeza de telefonar-te avisando-te que não me esperasses porque eu era obrigado pelas circunstancias a ficar ao lado do doente.

Natália - Mas o que tu ignoras e eu vou dizer-te agora é que dez minutos depois o doente telefonou de sua propria casa procurando por ti.

Marcio - Quem? O Petrônio? Não é possível.

Natália - O Petrônio, sim. E falou comigo mesma. Disse que à tarde passáras no seu escritório para falar com ele e então telefonou para saber o que desejavas.

Marcio - Pois bem, Natália, então já que fui infeliz na minha desculpa talvez seja mesmo melhor revelar-te toda a verdade. Eu não te amo mais, Natália.

Natália - Não era necessário que me disseses isto porque eu de ha muito que o venho sentindo.

Marcio - Apaixonei-me perdidamente por Gloria Bardi e creio que não poderei mais viver sem ela.

Natália - Francamente! Admiro a disfaçatez com que me confessas o teu pecado. ~~xxx~~ O despudor com que me pões a par da tua pouca vergonha! A frialdade com que trocas o carinho de tuas filhas pelas mentiras de uma mulher vulgar.

Marcio - Tu não tens o direito de julgá-la porque não a conheces.

Natália - Conheço outras da mesma laia e que justificam o meu juizo. Mas são todas iguais.

Marcio - Bem, chega, Natália.

Natália - Chega digo eu, Marcio. Volto para a casa de minha mãe e levo comigo nossas filhas. Ficas inteiramente livre para amar essa mulher por quem tu nos trocaste.

(Rápida frase musical)

Eufrosina - Quando eu dizia, ao principio do namoro de vocês, que esse sujeito tinha cara de cafageste tu te aborreias comigo e te punhas a chorar. Hoje vêes que eu tinha razão.



Natália - Um momento, mamãe, deixe eu continuar a relatar-lhe os fatos. Paulina, de seu quarto, acordou-se com a nossa discussão e ouviu a vergonhosa confissão de seu pai. À tarde, surpreendendo-me sózinha no meu gabinete, falou-me em interceder junto a seu pai mas eu não aceitei.

Eufrosina - É claro. Se eras tu a ofendida como irias mandar qualquer emissário para um entendimento? Era um gesto que só poderia partir dele.

Natália - Mas a questão é que Paulina não se conformava com a nossa separação e à pretexto de passar o serão em casa de Adelia, para distrair um pouco o seu espirito, foi procurar a tal de Gloria Bardí.

Eufrosina - Onde, minha filha? Como é que tu consentiste semelhante coisa?

Natália - Eu não sabia de nada, mamãe. Foi ela própria que depois me contou. Viu o nome da tal mulher no anúncio de um dos teatros da cidade e tomou a deliberação de ir procurá-la.

Eufrosina - Que barbaridade!... e o que lhe disse a descarada?

Natalia - A senhora já vai ouvir.

(Rápida frase musical)

UMA VOZ - (gritando para longe) Gloria Bardí!... (Aplausos frenéticos por alguns momentos)

(Lidia canta, acompanhada de piano, qualquer número de seu repertório)

(Ao terminar o canto, aplausos frenéticos que se vão apagando enquanto passos vão seguindo sempre à mesma altura do microfone)

(Rompe ao longe um fox americano ou swing que fica fazendo fundo para o diálogo que segue)

Gloria - Quem é a senhora? O que faz no meu camarim? Como pode entrar aqui?

Paulina - Acalme-se que já saberá quem sou. Menti à sua empregada que era sua amiga íntima e desejava fazer-lhe uma surpresa para conseguir esperá-la em seu camarim visto que o assunto que temos a tratar dispensa a presença de qualquer outra pessoa que só poderia nos importunar.

Gloria - O que quer a senhora, afinal? Quem é?

Paulina - Sou a filha mais velha de Marcio Castanheda.

Gloria - É filha de Marcio?!

Paulina - Sim. Não sabia que ele é casado e tem duas filhas?

Gloria - Sim, mas... que idade tem?

Paulina - Dezoito anos.

Gloria - Francamente... eu... eu estou espantada! Quem seria capaz de imaginar que Marcio... tão moço ainda, pudesse ter uma filha como você?!...

Paulina - É, realmente muita gente se admira mas essas coisas às vezes acontecem. Mamãe também, parece mais minha irmã. Se a senhora a visse havia de se admirar igualmente.

Gloria - Sim? Mas... afinal ao que devo a sua visita inesperada ao meu camarim?

Paulina - Venho fazer-lhe um pedido com vivo empenho.

Gloria - Se me fôr possível atendê-lo...

Paulina - É possível, sim. Tenho a certeza de que tudo dependerá da sua boa vontade.

Gloria - Vejamos.



- Paulina - Venho pedir-lhe que se afaste do caminho de meu pai afin de que ele volte ao lar que abandonou unicamente por sua causa.
- Gloria - Não é verdade. Seu pai conhece-me apenas a pouco mais de dois meses e segundo me declarou faz mais de dois anos que não consegue entender-se com sua mãe.
- Paulina - Sim, de fato, até certo ponto, essa declaração é verdadeira mas a verdade é que ele só se resolveu a abandonar-nos depois que a conheceu.
- Gloria - Bem, mas... neste caso parece-me que a maior culpada é a sua própria mãe. Você já é uma moça e pôde bem compreender que um homem não pôde viver dois anos inteiros sem nenhum carinho.
- Paulina - Mas este não é o caso de papai. Ele não viveu esses dois anos sem nenhum carinho.
- Gloria - Se ele o tivesse em casa não viria procurá-lo junto a mim. (Pausa) Quer que lhe diga uma coisa com franqueza? Você não deveria ter vindo interceder junto a mim para que abandonasse seu pai mas sim interceder junto a sua mãe para que tratasse de procurar compreendê-lo e reconquistá-lo.
- Paulina - Quer dizer então que recusa-se a atender o meu pedido?
- Gloria - Sim. E digo-lhe mais: não me sinto com nenhuma obrigação de proceder desta forma porquanto nada fiz para conquistá-lo. Foi ele que veio a mim, espontaneamente. E agora ~~me~~ peço-lhe que se retire porque devo mudar de traje para o meu próximo número.
- Paulina - (suspirando) Está muito bem... não lhe importunarei mais... e só lhe desejo... que a senhora... nunca se encontre... na situação em que hoje nos encontramos... por sua causa.

(Rápida frase musical)

- Eufrosina - Que tolice tão grande a dessa menina. Baixar-se a ir procurar uma mulher dessa espécie para ser humilhada da maneira que o foi.
- Natália - Tem razão, mamãe, foi realmente uma tolice. Eu também achei. Mas a intenção foi tão pura e tão boa que não me achei com coragem de reprecendê-la.
- Eufrosina - Bem, esse sujeito inescrupuloso que foi teu marido morreu e não se fala mais nele. É tratar de esquecê-lo e começar a viver uma vida nova.
- Natália - Sim, mamãe, é o que penso fazer.
- Eufrosina - E agora vai tratar de tomar o teu banho e trocar de roupa que dentro de meia hora o jantar será servido.

(CORTINA MUSICAL)

(Ruído de patas de cavalo, acompanhando sempre o diálogo)

- Paulina - Que nome tem este cavalo, Arcanjo? Gosto dele. Tem bom cômodo.
- Arcanjo - Esse é o Torniquete, sinhasinha.
- Paulina - Torniquete?!... que nome mais exquisitesito.
- Arcanjo - Foi dona Eufrosina que iscoieou.
- Paulina - (após uma pausa) Arcanjo, o que é aquilo lá?
- Arcanjo - A sinhasinha já me perguntô duas veis e eu já le disse que aquilo é um pilã duma estatura da Vilge Eossa sinhora que tinha lá.
- Paulina - É a estátua?
- Arcanjo - Já se quebro-se faz muitos ano.



- Paulina - Vamos até lá, Arcanjo. Quero ver de perto o pilar.
- Arcanjo - Não, sinhasinha, não bamo. Deis que a estauta se quebro-se que dona Frosina disse pra nós, pra ninguém se aproximá daquele lugá que ele tava amarrado.
- Paulina - Que tolice, Arcanjo. Você ainda acredita nisto? Pois se você não quer ir eu vou sózinha.
- Arcanjo - Não, sinhasinha, sólita mecê num vai. entõe o véio le acompanha.
- (Galopar de cavalos por alguns momentos e finalmente param)
- Paulina - Que lindo pilar, Arcanjo!... Todo rendilhado!... Uma maravilha, uma verdadeira obra de arte!... É uma pena estar tão maltratado. Quasi escondido no meio do capinzal. Isso deve ter sido trabalho de um grande artista!
- Arcanjo - Foi o vovô da sinhasinha que fez ele.
- Paulina - O vovô?!... O que é que tu estás me dizendo, Arcanjo?!... É um trabalho precioso.
- Arcanjo - É a estauta da Virge que se quebrô-se tombem foi fazida por ele.
- Paulina - Mas isto para mim é uma surpresa enorme! Eu não sabia que vovô tivesse tido pendores tão acentuados para a arte da escultura. E a imagem da Virgem era bonita como o pedestal, Arcanjo? Você chegou a ver?
- Arcanjo - Era uma beleza, sinhasinha! Só fartava falá.
- Paulina - E como foi que se quebrou, tu não sabes?
- Arcanjo - Foi... foi... qué dizê, eu nem me lembro bem como é que foi.
- Paulina - Interessante que vovô nunca nos falou sobre isto. Mas agora quem vai lhe falar sou eu. Vou convencê-la de mandar ajardinar este pedaço em torno do pilar e encomendar uma imagem bonita para colocar sobre ele.
- Arcanjo - Não, sinhasinha, num fale nada pra dona Frosina, pul favê. É o veio Arcanjo que pede pra sinhasinha. Num fala, não, minha fia.
- Paulina - Óra esta, mas porque?
- Arcanjo - Pulque... pulque ~~xxxxxxxxxxxx~~ dona Frosina vai vê que o véio disobedeceu as óide que ela deu de ninguém se aproximá desse lugá.
- Paulina - Não se preocupe por isto que eu arranjo bem as coisas. Digo que o cavalo disparou comigo e veio parar aqui perto.
- Arcanjo - Não, sinhasinha, num fala nada, não, minha fia. O véio pôde garantir que ela num manda butá nada em riba desse pilá. Eu tô intê em dizê que num sei como é que ela intê hoje dexô ele ficá aí. Como é que ela não mandô dissamohá ele.
- Paulina - Óra essa, Arcanjo, mas por que motivo vovô havia de fazer isto?
- Arcanjo - Óia, sinhasinha, eu acho mais mió falá tudo pra mecê que é pra mecê não falá pra dona Frosina.
- Paulina - Pois então fala, vamos ver. Eu estou numa curiosidade íperível. Não consigo compreender nada.
- Arcanjo - O cause que se passe-se foi anssim: seu avô gostava muito de fazê istatias. Fazia elas de barro, de pedaço de madeira, fazia duma farinha branca, fazia de pedra, de qualquer coisa ele fazia. Um dia ele disse anssim pra dona Frosina...

(Rápida frase musical)



- Rufrosina - que tolice é esta de você não querer que eu entre no seu estúdio, Vitorino? Isso até dá para desconfiar.
- Vitorino - ~~que tolice~~ <sup>é a tolice</sup> Rufrosina. Contem a tua curiosidade mais algum tempo que ~~você~~ depois saberás.
- Rufrosina - Acha s que é pouco o que eu tenho esperado? Ha vinte dias, já, que estás nesta bobagem.
- Vitorino - Pois bem, como vejo que estás desconfiada vou te dizer do que se trata. Tu te lembras daquele pilar que eu esculpi e que mandei colocar lá no fundo do campo entre aquelas duas salças próximas da lagoa?
- Rufrosina - Sim.
- Vitorino - Pois eu estou agora terminando a imagem da Virgem que vou colocar sobre ele mas só quero que tu a vejas depois de pronta. Agora em mais uma semana tu terás satisfeita a tua curiosidade. E vais ver que linda ela está. No dia 8 de Dezembro faremos a sua inauguração festiva.

(Ligeira frase musical)

- Arcanjo - Dona Frosina, curiosa como todas as muié, andava rondando a porta da sala adonde seu Vitorino trabalhava, na esperança de pudê pegá um dia a porta aberta pra intrá. E um dia se deu-se o caso. Foi memo no dia que a estauta tinha ficado pronta. Seu Vitorino foi na via buscá o seu vigário pra vê a estauta e se esqueceu-se de passá a chave na porta.
- Paulina - Vóvô aproveitou a ocasião e entrou no estúdio.
- Arcanjo - Justo. Tiró o pano que tava cubrindo a estauta e...

(Ligeira frase musical)

- Rufrosina - (gritando, nervosa) Arcanjo! Oh Arcanjo!... Arcanjo, você não está ou vindo eu lhe chamar, Arcanjo?
- Arcanjo - (de longe) Pronto, dona Frosina.
- Rufrosina - (para longe) Traga o martelo daí e não demóre. (para si mesma, indignada) Por isso que ele não me queria deixar entrar. Bem que eu estava desconfiada de alguma coisa! Mas ele vai ter uma surpresa terrível quando voltar! Se julgou que seria fácil enganar-me foi mára ilusão da sua parte. Eu a vi uma vez só mas nunca mais esqueci a sua fisionomia. E ele também não a esqueceu. A prova que imprimiu à virgem todos os seus traços. A mesma boca, o mesmo nariz, o mesmo olhar melancólico e até os cabelos têm a mesma cor do dela. Isto chega a constituir uma afronta ao meu amor próprio e à minha dignidade de mulher. (Passos que se aproximam)
- Arcanjo - Aqui está o martelo que a senhora me pediu-me, dona Frosina. (Pausa) Com licença que eu me arretire?
- Rufrosina - Não, Arcanjo, tu vais ficar. Quero que assistas à destruição desta imagem.
- Arcanjo - Paldôe de eu me intremetê, dona Frosina mais a senhora vai quebrá uma estauta tão linda? Num faça isso, dona Frosina.
- Rufrosina - Faço, ~~xixixixix~~ Arcanjo. Faço porque esta imagem é uma afronta ao meu orguino e ao meu amor próprio. Ela reproduz os mesmos traços da que foi minha rival, e eu não posso admitir semelhante insulto.
- (Ouvem-se várias marteladas que podem ser dadas sobre tijolos, quebrando-os).
- Paulina - Que horror, Arcanjo. Eu nunca pensei que o ciúme de vóvô pudesse chegar a tal ponto. E vóvô quando viu a imagem destruída!



Arcanjo - Fôbre do seu Vitorino! Nem gosto de me lembrar. Quando ele chegou e viu a estante em pedacinho, num pôde dizê nem uma palavra. Teve uma conversão celebrada e ficou. Se chama-se dotô da cidade, veio seu viário, tiraro sangue do pôvre, fizero tudo mais naquela noite mesmo. O povre se entregô. Dâis daí dona Frosina intentô de dizê que esse lugá aqui era maraiguado e puribiu nós de chegá aqui pelto. Por isso que tá tudo desse jeito, anssim dezado.

Paulina - Ah bem, agora compreendo. Então é por esse motivo também que Vôvô nunca nos falou nas esculturas de vôvô.

Arcanjo - Sinhásinha num vai dizê nada que eu contei isso pra mecê que dona Frosina manda eu simhora daqui.

Paulina - Não, Arcanjo, pôdes ficar inteiramente descansado que eu não falarei coisa nenhuma.

Arcanjo - Entonce agora bamo que já deve de sê quagi hora de janta.

Paulina - É, vamos sim. Se chegarmos atrasados vôvô ficará zangada conosco.

(Ruído de patas de cavalo, trotando, sempre à mesma altura do microfone e)

(CORTINA MUSICAL)

Arlete - Maninha, uma carta de Lucio pra você.

Paulina - Ah que bom. Eu já estava tão preocupada pela falta de notícias.

Arlete - Veio no Correio de hoje.

Paulina - Como é que você sabe que a carta é do Lucio?

Arlete - Porque é a mesma letra das outras que ele escreveu pra você. (Ruído de rasgar o envelope e abrir o papel) Você não vá dizer nada que eu lhe contei mas vôvô já abriu a carta e depois leu e depois pediu o vidro da goma arábica e fechou direitinho como se ninguém tivesse mexido. Mas eu estava espiando detraz do reposteiro e vi tudo, tudo, maninha. Quando ela se levantou... (transição) O que foi, maninha? O que é que tu tens? Estás sentindo alguma coisa, estás?

Paulina - Não, Arlete, não tenho nada. Saia por favor. Deixe-me só.

Arlete - Uê!... Tá bem, eu saio. (Saíndo) Isso não tá me cheirando muito bem. (Passos que se afastam)

Paulina - O meu coração parecia que já estava adivinhando isto mesmo! Eu sentia uma angústia tão grande! Estudos! Não poder casar tão cedo! Não ter o direito de empatar-me o tempo. (chorosa) Desculpas. Tudo desculpas. Com tod. a certeza arranjou outra mais bonita do que eu. (Passos que se aproximam) Vem alguém aí. Não quero que me vejam chorar.

Frosina - O que é isto, Paulina?

Paulina - (disfarçando) Nada, não, Vôvô.

Frosina - Eu sei. Nada de chôros. Os homens não valem uma só das nossas lágrimas.

(CORTINA MUSICAL)

Balbina - amunta Num monta minha fia. Esse cavalo é brabo.

Arlete - Que bobagem, Balbina! Tu pensas que eu não sei andar à cavalo, por acaso? Monto sim.

Balbina - Mecê vai cá, minina teimosa. Sinhá Frosina vai raíá cum mecê e custigo depois.

Arlete - Sim, não precisa saber. (Pausa) Viste como eu sei montar? É só uma volatinha.



(O cavalo sai em disparada, afastando-se)

Balbina - Vilge da Misiricoldia!... (gritando) O cavalo tá disparando, minha fia!... Luxe ele!... (Um grito agudo, bem afastado) Minha Nossa Senhora dos Afritos!... Nem tenho corage de i lá agarrá elai!... Que vai sê de nós, meu Deus!... (chora).

(CORTINA MUSICAL)

~~Paulina~~ - (nervosa, com voz trêmula) Sai do quarto porque não tive coragem de ouvir a sentença do médico. O que disse ele, mamãe?

Eufrosina - Acha pouco provavel um completo restabelecimento.

Natália - Ai, mamãe! Não me diga!...

Eufrosina - Diz que o tombo foi muito violento e afetou a espinha. Talvez que ela não possa mais andar.

Natália - Mamãe!... Arlete paralítica, mamãe?!... Não. Eu prefiro então que ela morra.

Eufrosina - De que adianta preferirmos isto ou aquilo? Bem sabes que a vida é sempre ao contrário do que desejamos.

Natália - Para algumas criaturas, mamãe, não para todas. Para outras a vida corre perfeitamente serena sem lágrimas nem contrariedades. O que é doloroso constatar-se é que as mulheres da nossa família nasceram com o estigma do sofrimento.

Eufrosina - Talvez. Não contrario o teu ponto de vista. Mas se todas forem como eu não haverá sofrimento que lhes faça curvar a cabeça.

(CORTINA MUSICAL)

Paulina - Não podes mexer nem um bocadinho as pernas, Arlete?

Arlete - Nem um bocadinho, maninha. A mamãe diz que depois eu vou poder mas já faz tanto tempo. Eu já devia estar bôa, tu não achas?

Paulina - Mas tu has de ficar bôa, sim, maninha. Não te aflijas.

Arlete - Tu sabes, maninha, que eu tive um sonho muito interessante esta noite? Sonhei que entrei numa sala onde havia uma porção de cacos e que eles começaram a se mexer, a se amontoar uns por cima dos outros e formaram direitinho a imagem de Nossa Senhora. Eu fiquei olhando para ela muito admirada, ela sorriu para mim e disse assim: o dia que me botarem em cima do meu pilar eu afastarei todos os males desta casa e todos serão felizes. Que sonho engraçado, tu não achas maninha?

Paulina - É, sim. Mas não contes nada à mamãe nem à vóvó. Depois eu te explicarei porque.

(CORTINA MUSICAL)

Paulina - Quem sabe se não é um aviso, vóvó? Quem sabe se não existe realmente esse pilar... Se o descobrissemos e mandassemos colocar sobre ele uma imagem de Nossa Senhora... quem sabe?

Eufrosina - Tolices, menina. Parece até mentira que você se impressione com um sonho tão tolo de sua irmã. Então você não percebe que isto são coisas de criança?

Paulina - Mas não esqueça, Vóvó, que Deus muitas vezes tem manifestado o seu poder mesmo por intermédio dos pequeninos. Temos vivido todas tão afastadas dele. Quem sabe lá se ele não nos chama por intermédio de Arlete?

Eufrosina - Ora deixe-se de tolices e misticismos, menina.

Paulina - Deixe-me procurar o pilar e colocar sobre ele uma imagem da Virgem, vóvó. Suplico-lhe.



Mafrosina - (energica) Não. (pausa) Se eu consentisse nesta infantilidade tenho a certeza de que te prepararia uma nova desilusão.

(CORTEINA MUSICAL)

Gloria - Você pensa que não me aborrecem os seus ciúmes idiotas? Aborrecem-me por demais e eu já não posso mais suportá-los, ouviu?

Márcio - Não pôde suportá-los porque você já não gosta mais de mim. Por isso é que você não pôde suportá-los.

Gloria - Gostando ou não gostando tudo o que é demais aborrece.

Márcio - Diga logo que é de mim que você está aborrecida e não do meu ciúme.

Gloria - Do seu ciúme e de você também. Já que quer saber a verdade pois então saiba. Estou cansada de viver enclausurada dentro deste apartamento sem ter licença de chegar nem na janela para ver o movimento. Eu sou moça, ouviu? Quero luz, quero ar, quero liberdade, quero vida!...

Márcio - (após uma pausa) Está bem, Gloria, você terá tudo isto. Hoje mesmo eu me mudarei daqui. Só o que lamento é ter abandonado minha esposa e minhas filhas por sua causa.

Gloria - Você as abandonou porque quis. Não venha agora fazer-se de minha vítima. E se você as abandonou por mim quantas coisas também eu abandonei por sua causa?

Márcio - (abatido) É, Gloria, ambos erramos no caminho que deveríamos ter seguido, mas você ainda está em tempo de retroceder. Para mim é que, infelizmente, já é demasiado tarde!...

(CORTEINA MUSICAL)

Arlete - Sabes, maninha, que eu sonhei outra vez com a Nossa Senhora?

Paulina - Foi, maninha querida? E o que te disse ela?

Arlete - A mesma coisa da outra vez. Disse que no fundo do campo, perto da lagoa, estava o pilar e que no dia que botassem a imagem dela lá que eu ficaria boa e todos seriam felizes. Que esse seria o dia das graças.

~~Paulina~~ - E tu sabes, Arlete, que esse pilar existe, justamente no lugar onde tu sonhaste?

~~Paulina~~ - Mentira, maninha.

Paulina - Verdade, querida. ~~mas~~ Justamente por isto tenho fé que o teu sonho é um aviso e que no dia que colocassem a imagem de Nossa Senhora sobre o ~~se~~ pilar, tu ficarias boa. Infelizmente, porém, vóvó é uma creatura vazia de fé e não me permite atender ao pedido de Nossa Senhora. Já lhe falei sobre o teu sonho, já lhe supliquei licença quâsi de joelhos mas ela recusou.

Arlete - E se tu fizesses isso sem ela saber?

Paulina - Arlete!... Como foi que essa ideia não me ocorreu?!... Há tanto tempo eu já podia ter feito!

(CORTEINA MUSICAL)

Paulina - É linda! Lindíssima, Arcanjo. Trocaste-a pela pulseira?

Arcanjo - Não, sinhôzinha. Primeiro vendi a porsera e depois comprei a santa. O troco tá aqui.

Paulina - Guarda-o para ti, pelo trabalho todo que tiveste.

Arcanjo - Deus lhe onente, sinhôzinha. (pausa) Já trouxe ela bem-sida pelo vigário da cidade que era pra não pelcisa acupa o vigário da vila. Ele pudia até qualquer coisa pra dona Mafrosina e ela vim a sabê. Oraçoi sem é bô da se lá. Lá vim o mundo a baixo.



Paulina - Fizeste muito bem, Arcanjo. Foi realmente uma inspiração que tu tiveste. Será que não há perigo dela ficar aqui até amanhã de madrugada?

Arcanjo - Zirigo num hay. Dona Frosina nunca vem cá pra essas banda. Anda só ali por volta da casa.

Paulina - Pois então vamos deixá-la aqui e amanhã bem cedo, antes que o sol desponte iremos colocá-la sobre o pilar.

(CORTINA MUSICAL)

(Quatro batidas de relógio, espaçadas. Cantar de um galo. Cavalos saindo a galope e o galope perdendo-se na distância. Cante de novo o galo)

(CORTINA MUSICAL)

Natália - Minha filha, nem sabes o que me sucedeu! Uma carta de teu pai confessando-me o seu arrependimento e pedindo-me para voltar.

Paulina - Mãe! Que coincidência interessante! Eu ia justamente procurá-la para mostrar-lhe esta carta de Lúcio onde se confessa arrependido de ter brigado contigo e te pede perdão.

Natália - Realmente, é uma coincidência interessante. As cartas vieram pelo mesmo correio. O que farei, Paulina? Aconselha-me. Estou completamente desorientada.

Paulina - Tu vais perdô-lo como eu também perdôarei ao Lucio. E voltaremos todas.

Natália - Mas... já pensaste em tua Avó? Ela estará de acôrdo com essa resolução?

Paulina - Não sei, mãe. É mais provável que esteja contra mas a verdade é que não deveremos sacrificar a nossa felicidade por uma simples questão de amor próprio. (Passos que se aproximam) Tu sofres com a separação de papai como eu sofri com a de Lúcio e se não aproveitarmos esta oportunidade em que o chamado deles vem precisamente de encontro aos desejos dos nossos corações, talvez choremos lágrimas de arrependimento pelo resto de nossas vidas.

Arlete - Mãe! Paulina! Olhem para mim!... (Passos)

Natália - (chorando) Minha filha!... Andando meu Deus!... Andando pelas próprias pernas depois de tanto tempo de as ter paralisadas!... Ai meu Deus!... Tenho medo!... Tenho medo que o meu coração não resista... a tanta felicidade!...

Arlete - Sabem como foi? Nossa senhora apareceu-me novamente em sonhos e disse que já tinham colocado novamente a sua imagem sobre o pilar vazio e que hoje todas seríamos iluminadas pelo sol da felicidade. Que eu me levantasse e andasse que ela me ajudaria. Nessa ocasião acordei, experimentei andar e as pernas me obedeceram. Estou boa, mãe! Estou boa! Vês, mãe, vês? Estou andando de novo sem nem me segurari!...

Natália - (abaixada) Minhas filhas!... Minhas queridas filhas!... Como Deus é bom!

Paulina - Hoje é o dia das graças, mãe! Precisamente de madrugada eu e Arcanjo colocamos sobre o pilar vazio a imagem da Virgem. Nós estávamos todas afastadas dela e <sup>com</sup> enfermidade de Arlete e ela voltou pela porta do sofrimento! e agora que temos a convicção (Passos que se aproximam) Silêncio, agora. Vôvo aí vem.

Frosina - O que é isto? Essa menina de quê?

Paulina - Sim, vôvo. Lembra-se quando lhe pedi permissão para colocar no pilar a imagem da virgem e a senhora recusou?

Frosina - Lembra-me sim. Viste como não foi necessário nada disto e ela ficou boa do mesmo jeito?

Paulina - Engana-se, vôvo. A imagem foi colocada precisamente na madrugada de hoje.



Eufrosina - Mas com autorização de quem? Quem se atreveu a contrariar as minhas disposições?

Paulina - Eu, vóvó.

Eufrosina - Pois mandarei retirá-la imediatamente.

Natália - Mamãe!...

Paulina - Se fizer isto, Vóvó, nós deixaremos hoje mesmo a sua casa.

Eufrosina - Quer eu faça ou deixe de fazer vocês me abandonarão do mesmo jeito. Ambas já receberam cartas dos Romeus arrependidos e estão louquinhas para voltar. Nem parecem minha filha e minha neta. Não herdaram sequer uma pequena parcela do meu brio, do meu amor próprio e da minha dignidade.

Paulina - Felizmente para nós, vóvó. Veja o que tem feito da sua vida com tais sentimentos e medite se não será bem melhor perdoar e ser feliz. A senhora, Vóvó, com a sua falta de fé nos afastou do verdadeiro caminho da felicidade mas graças a Deus ele se compadeceu de nós e chamou-nos novamente para ele por intermédio da Virgem do Pilar. É precisamente agora que vamos deixá-la, se a senhora tivesse ao menos um pouquinho de fé não ficaria tão só.

Eufrosina - (gritando, furiosa) Arcanjo, oh Arcanjo! Você não está ouvindo o que eu digo?

Arcanjo - (de longe) Pronto, dona Eufrosina, já vou lá.

Eufrosina - (para longe) Veja o martelo e atrole os cavalos ao carro que eu quero ir ao pilar imediatamente!

(CORTINA MUSICAL)

Eufrosina - Vamos, quebre essa imagem.

Arcanjo - Discorde, dona Eufrosina, eu num posso.

Eufrosina - Dê-me esse martelo aqui. (Pausa.) O que é isto, Arcanjo? O que é isto? As minhas mãos estão duras. Veja. Veja como estão as minhas mãos. Eu não posso fechá-las. Estão paralisadas. Estão paralisadas as minhas mãos, Arcanjo!...

Arcanjo - É o castigo da Virgem do Pilar, dona Eufrosina. A senhora queria quebrá-la!

Eufrosina - Meus Deus!... Meu Deus!... Que farei agora com as mãos assim? (chorando) perdão, meu Deus!... Perdão, meu Deus!... Minha neta tinha razão: é pela porta da dor que voltamos a ti!... perdão meu Deus, perdão. Oh Virgem do Pilar, tem piedade de mim!... ~~akakak~~ Aqui me tens de joelhos a teus pés!... (Chora)

Arcanjo - (após uma pausa) Dona Eufrosina! Dona Eufrosina!... eu vi, dona Eufrosina, eu vi. Meu Deus do céu que eu vi, dona Eufrosina!... A Virgem do Pilar se riu-se pra senhora.

Eufrosina - Arcanjo! Arcanjo!... As minhas mãos!... Voltaram os movimentos, Arcanjo, vê. Todos os dedos se mexem. Todos. Um por um, estão vendo! Oh Virgem do Pilar!... O que poderei fazer para pagar-te tamanha graça?!...

(CORTINA MUSICAL)

Paulina - Mamãe, veja, mamãe!... uma carta de vóvó convidando-nos a ir assistir a inauguração da capela que mandou erigir no fundo do seu campo em louvor da Virgem do Pilar.

Natália - Que bom, minha filha! Que grata notícia tu me dá. Agora, ao menos, revestida desse novo sentimento que é a fé, ela se tornará mais humana e por conseguinte será mais feliz. É mais uma graça que nos concede a nossa Virgem do Pilar!...



Paulina - A inauguração é no dia 6 de Dezembro. Nós iremos, não mamãe?

Natália - Claro que sim. iremos todos. seu pai e Lucio também. Temos que agradecer todos, de joelhos, à Virgem do Pilar, essa felicidade grande que a fé nos restituiu...

(Característica musical forte, baixando depois para falar o)

SPEAKER: - Este foi mais um trabalho de Roberto Lis para o grande Teatro Difusora que é uma oferta da Pantaco S.A. Indústria e Comercio aos seus amigos e favorecedores.

Na próxima terça feira, como sempre sob o alto patrocínio da Pantaco S.A., Roberto Lis e seus artistas apresentarão INGRATIDÃO.

(Sobe a característica por alguns momentos, baixando, depois, aos poucos, até desaparecer).